

POR QUE PENSAR A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO A PARTIR DE NARRATIVAS DOCENTES E HISTÓRIA PÚBLICA?

Why should we think about the history of education based on teaching narratives and public history?

Marianna Carla Costa Tavares¹⁷

RESUMO: A história da educação é um campo do conhecimento consolidado há muito tempo, por meio dele compreendemos as transformações ao longo do tempo e os fundamentos históricos da educação brasileira. Propomos aqui refletir sobre a história da educação a partir de ações de história pública e como esse movimento traz uma nova perspectiva para a pesquisa educacional, a partir da experiência com entrevistas públicas e do trabalho com as narrativas docentes. A relação entre história oral e história pública nesse contexto potencializa ainda mais o caráter formativo das narrativas, de modo que é possível aprender sobre a pluralidade da docência e da educação a partir das narrativas. Ao lançar mão da história pública, propomos mais uma forma de analisar e desenvolver a pesquisa horizontal e próxima da comunidade.

Palavras-chave: História oral; História pública; Formação de professores; História da Educação.

ABSTRACT: The history of education is a long-established field of knowledge that allows us to understand the transformations over time and the historical foundations of Brazilian education. Here, we propose to reflect on the history of education through public history practices and explore how this approach brings a new perspective to educational research, based on experiences with public interviews and work with teachers' narratives. The relationship between oral history and public history in this context further enhances the formative potential of these narratives, making it possible to learn about the diversity of teaching and education through them. By employing public history, we propose an additional way to analyze and develop research that is horizontal and closely connected to the community.

Keywords: Oral history; Public history; Teacher training; History of education.

¹⁷ Pedagoga pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Doutoranda do Programa de Pós- Graduação em Educação (PPGED/UFRN), em doutoramento sanduíche na University of Luxembourg, financiada pelo programa CAPES/PRINT. Lattes: lattes.cnpq.br/8997186391714542
E-mail: mariannaatavares@gmail.com.

Introdução

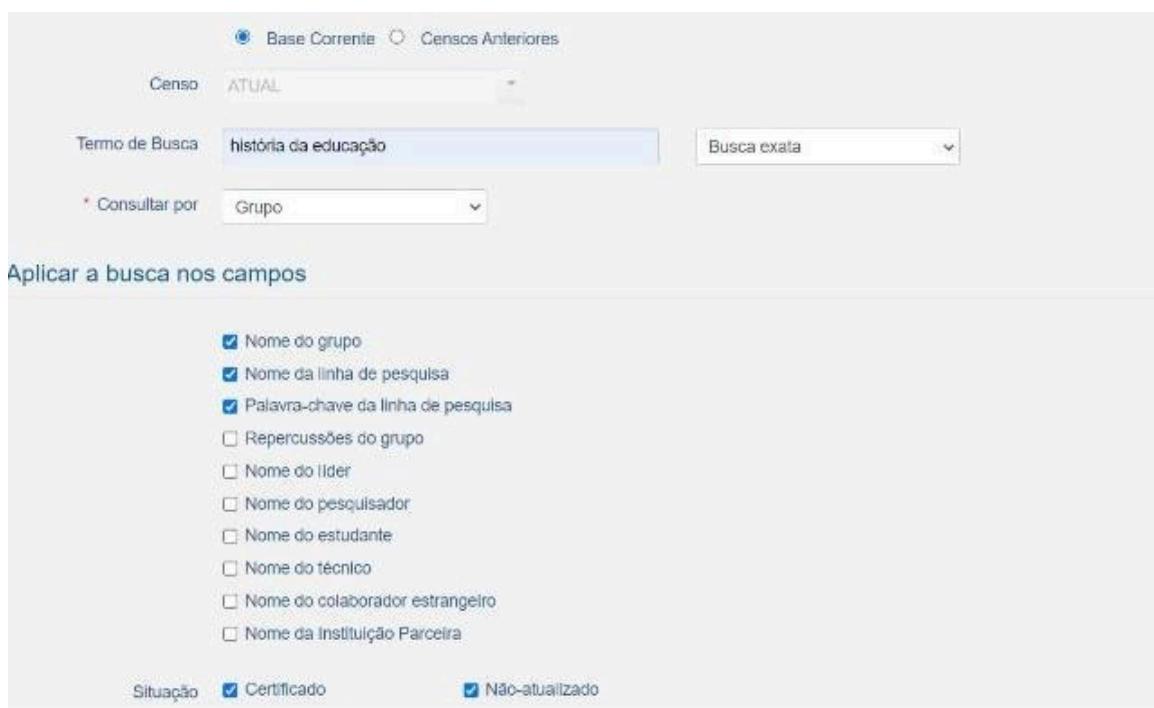
A história da educação é um campo do conhecimento consolidado há muito tempo na educação, sendo um conteúdo obrigatório nos cursos de Licenciatura do Brasil, por exemplo. É por meio desse campo que compreendemos as transformações ao longo do tempo e os fundamentos históricos da educação brasileira. Com vistas a contribuir para a produção do conhecimento da história da educação no Rio Grande do Norte, estamos desenvolvendo uma pesquisa intitulada “Memórias e biografias de professoras da Cidade da Esperança: narrativas em educação e vínculos da existência (1966–1996)”, na qual utilizamos a história oral (Portelli, 2016; Thompson, 1992) e a história pública (Santhiago, 2016; Cauvin, 2019) para a construção e análise das fontes.

Na primeira parte do trabalho, fazemos uma retomada sobre o campo da história da educação e como ele foi se consolidando no decorrer do tempo, percebendo qual as configurações atuais. Já na segunda seção, temos como proposta refletir sobre a história da educação a partir de ações de história pública e como esse movimento traz uma nova perspectiva para a pesquisa educacional, a partir da experiência com entrevistas públicas e do trabalho com as narrativas docentes. Para isso, mostramos o que é o movimento da história pública, como compreendemos suas nuances e as possibilidades que traz para a pesquisa no campo da história da educação. Por fim, apresentamos alguns exemplos de iniciativas e projetos que já estão sendo desenvolvidos no campo da história da educação para mostrar como vem se configurando essa tendência do trabalho com a comunidade. Desse modo, objetivamos apresentar como as fontes orais foram construídas em uma perspectiva da autoridade compartilhada (Frisch, 2016) e refletir sobre o papel das ações de história pública na formação inicial e continuada de professores.

Para iniciar a discussão acerca da história da educação como campo, realizamos uma busca no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil é um inventário que contém as informações acerca dos grupos de pesquisa científica, tecnológica e inovadoras no país, conforme as informações no próprio sítio eletrônico. As informações que compõem o banco de dados produzido pelo diretório são fornecidas pelos líderes e co-líderes dos grupos de pesquisa, contêm informações sobre participantes, regiões, sexo

e produção. É possível, por meio da própria plataforma realizar a busca por palavras-chave e cruzar informações. Na busca pelo grupo, realizamos a busca exata pelo termo “história da educação”, aplicando-a aos campos “nome do grupo”, “nome da linha de pesquisa” e “palavra-chave da linha de pesquisa”, conforme imagem abaixo. Assim, qualquer linha de pesquisa e grupos que discuta, pesquise ou estude sobre a história da educação foram contemplados nessa busca.

Imagen 1 - Parâmetro de busca no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil.



(Fonte: Site eletrônico do Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil)

Embora se use dados quantitativos para iniciar as discussões, é importante demarcar que as análises para a discussão acerca do campo da história da educação são qualitativas, considerando as reflexões e discussões que vêm sendo colocadas em pauta. Construímos gráficos e tabelas que ajudam a visualizar e compreender os caminhos da expansão da história da educação, especialmente na pós-graduação e na academia.

Falar de textos e artigos encontrados em relação ao campo considerados para análise.

O campo da história da educação atualmente

O estudo da história da educação se constitui enquanto um campo de produção do conhecimento já estabelecido nacional e internacionalmente, sendo essencial nos cursos de licenciatura e formação de professores no Brasil. É a partir das discussões dos fundamentos históricos da educação que os futuros educadores têm a possibilidade de compreender como ocorreram as mudanças na educação ao longo do tempo, fazendo relações com suas vivências e experiências e percebendo as bases do sistema educacional brasileiro. Fernandes, Fernandes e Paiva (2023) definem que o campo da história da educação pode ser considerado um campo de divisa, argumentando que contempla uma variedade de objeto e temas relacionados à educação, com concepções teórico-metodológicas do campo da história. Na mesma perspectiva plural, a identidade do historiador da educação também é considerada diversa devido às diferentes abordagens teórico-metodológicas. Luchese (2017) faz uma discussão acerca da diminuição da carga-horária ou da quantidade de disciplinas ministradas no campo da história da educação, ela argumenta o seguinte:

Dessa forma, percebe-se que existe uma discussão acerca da importância e do lugar da história da educação na formação docente, a redução demarcada por Luchese (2017), aponta para a urgência de se pensar a história da educação vinculada a formação de professores, de modo prático e próxima da realidade dos estudantes e do fazer docente. Em contrapartida, Fernandes, Fernandes e Paiva (2023), em uma retomada dos caminhos da História da Educação na pós-graduação, demarcam o seguinte:

Nesses estudos, é fato que a disciplina de História da Educação, tradicionalmente ligada aos cursos de formação de professores, em nível médio e superior, em diferentes países tem se ressentido e seu espaço, nos currículos, tem diminuído consideravelmente, seja com relação à carga horária, seja quanto ao número de disciplinas ministradas. Como referem muitos colegas, em muitos países, a História da Educação tem sido obrigada a justificar-se e a tentar manter-se mediante as reformas educacionais recentes, pois outros campos – considerados mais úteis, atuais, práticos e diretamente ligados às necessidades técnicas do fazer docente – têm ocupado considerável espaço curricular (Luchese, 2017, p. 113).

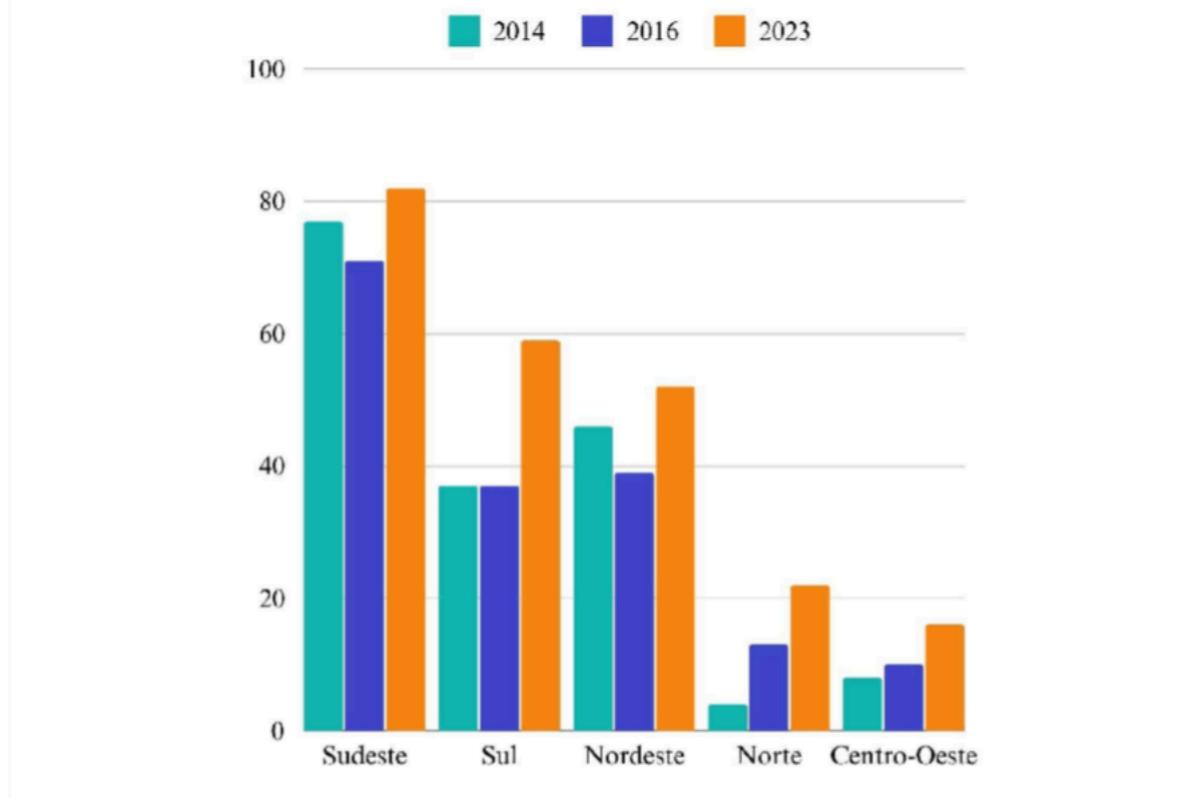
Dessa forma, percebe-se que existe uma discussão acerca da importância e do lugar da história da educação na formação docente, a redução demarcada por Luchese

(2017), aponta para a urgência de se pensar a história da educação vinculada a formação de professores, de modo prático e próxima da realidade dos estudantes e do fazer docente. Em contrapartida, Fernandes, Fernandes e Paiva (2023), em uma retomada dos caminhos da História da Educação na pós-graduação, demarcam o seguinte:

No que se refere à esse campo de investigação, o processo de pós-graduação alavancou, após os anos 1970 do século XX, uma ampliação do campo, tendo contribuído para isso: a criação do Grupo de Trabalho (GT) História da Educação, na Associação Nacional de PósGraduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), em 1984; a disseminação de grupos de pesquisa vinculados ao Grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil (HISTEDBR), coordenado por Dermeval Saviani, desde 1986; a fundação da Associação Sul Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE) (1995); a fundação da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE), em 1999; a constituição de grupos de pesquisas nos Programas de Pós-Graduação e centros de memória da educação em vários estados brasileiros; a publicação de periódicos, tais como, Revista História da Educação, (ASPHE/1996), Cadernos de História da Educação (UFU- Uberlândia/2002), Revista eletrônica da HISTEDBR (2000); a Revista Brasileira de História da Educação da SBHE/2001, a realização de inúmeros congressos, nacionais e internacionais; e a publicação de livros e coleções (Fernandes, Fernandes e Paiva, 2023, p. 6).

Assim, percebe-se que na academia, o campo da história da educação no Brasil vem aumentando sua atuação em publicações, pesquisa e na própria disseminação dos grupos em Congressos e afins. Perspectiva esta que vai ao encontro dos dados encontrados no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, trazendo alguns dados mais recentes de 2014 a 2023, como é possível observar no Gráfico 1.

Gráfico 1 - Grupos de pesquisa da História da Educação por região (2014-2023)



(Fonte: Organizado pelas autoras com base no site do Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil)

De modo geral, observa-se um crescimento na quantidade de grupos de pesquisa na história da educação no Brasil. A região sudeste continha 77 grupos de pesquisa nesse campo em 2014, mas passou a ter 82 em 2023. Enquanto a região Sul contava com 37 no ano de 2014 e passou a registrar 59 em 2023. A região Nordeste registrou 39 grupos no ano de 2016 e, em 2023, registrou 52 grupos. Nas regiões Norte e Centro- Oeste estão concentradas as menores quantidades de grupos na história da educação, no entanto, apresentam um aumento de 4 em 2014 para 22 em 2023 e de 8 em 2014 para 16 em 2023, respectivamente. De modo que, é possível perceber que em todas as regiões tiveram aumentos que demonstram o crescimento de grupos de pesquisa na área. E, além disso, mostra um crescimento significativo nas regiões Nordeste, Norte e Centro- Oeste.

É importante demarcar que na região Nordeste, em alguns momentos, se registraram mais grupos do que na região Sul, por exemplo. Entre 1970 a 2004, Hayashi e Ferreira Júnior (2010) observaram que as regiões Sul e Sudeste

apresentavam a maior concentração dos grupos de pesquisa em história da educação e que, juntas, as regiões Nordeste, Centro-Oeste e Norte, apresentavam 25% dos grupos de pesquisa em história da educação no país. No entanto, como observado no Gráfico 1, na última década (2014–2024), esse cenário vem mudando, e o Nordeste vem se fazendo presente no desenvolvimento da pesquisa acadêmica em história da educação, demarcando cada vez mais seu espaço nessa área.

Concordamos com Hayashi e Ferreira Júnior (201) e Luchese (2017), quando afirmam que o caminho da história da educação no país está fortemente vinculado à pós-graduação, fator destacado por meio dos dados acerca da quantidade de grupos. De modo que Luchese (2017) trouxe questionamentos para refletir, por exemplo: como a História da Educação se justifica como estudo de relevância? Em suas reflexões, seus apontamentos seguem na direção da pluralidade de fontes, formas de fazer e da necessidade de ir além nas formas de fazer, pensar e pesquisar. Na mesma perspectiva, Fernandes, Fernandes e Paiva (2023) destacam o potencial na pluralidade do campo da história da educação, seja nas fontes, metodologias ou objetos de estudo.

A discussão sobre a necessidade de mudar as formas de fazer ou pensar a história da educação é cada vez mais latente, Luchese (2017) aponta para uma preocupação que vem aparecendo cada vez mais em se realizar estados da arte, balanços da produção científica na área. Compreendemos, assim, que estamos em momento de discussão e explosão de ideias, para pensar em novas formas de produzir e pensar o campo da história da educação. Voltamos, assim, à pergunta que é o título desse trabalho: “Porque pensar a história da educação a partir de narrativas docentes e história pública?” Sem a intenção de sermos prepotentes em dar uma resposta fixa, apresentamos as potencialidades que o movimento da história pública traz para renovar o campo da história da educação na atualidade e como isso acompanha o movimento no campo da história na América Latina. Outros campos da educação, como o ensino de história, já fazem esse diálogo com a história pública e vêm aproximando cada vez mais as reflexões entre academia e sociedade em uma perspectiva colaborativa.

O que é a história pública?

Em um movimento preocupado em construir a história a partir de uma perspectiva colaborativa, surge a história pública, uma abordagem para compreensão e disseminação do conhecimento histórico. No Brasil, vem ganhando espaço em discussões acadêmicas, com inúmeras publicações que discutem as possibilidades e várias formas da história ir para além da academia.

O termo “história pública” surgiu nos Estados Unidos, especificamente na Universidade de Santa Barbara, em 1975, em um movimento com a tentativa de conectar as reflexões entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos (Cauvin, 2019). Cauvin (2019) também define que a base da história pública é a colaboração, não sendo esta limitada a algum tipo específico de profissional ou público, o que a define é a diversidade de campos de atuação, a forma criativa em que é construída e, principalmente, ele define que a história pública não é simplesmente feita para o público não-acadêmico, mas com ele.

No Brasil, o termo aparece a ser cada vez mais discutido a partir de 2012, Santhiago (2016) aponta como um marco inicial o curso feito na Universidade de São Paulo (USP) em um encontro da Associação Nacional de História (ANPUH), intitulado “História: da produção ao espaço público”. Outro marco é em 2019, quando foi lançado o primeiro mestrado em história pública do país, na UNESPAR.

Autores internacionais reconhecem o papel que o Brasil vem desempenhando no movimento da história pública, Frisch (2016), por exemplo, argumentou que a história pública é consolidada no país e supera as perspectivas observadas em outros países, enfatizando o engajamento e potencial de pesquisadores brasileiros. Cauvin (2019) destaca as reflexões de Ricardo Santhiago e Juniele Rabêlo acerca dos entrelaces da história oral e história pública, enfatizando que os projetos no Brasil surgem a partir de uma demanda e necessidade social.

Assim, o cerne da história pública no Brasil está diretamente ligado com as demandas da sociedade e vem se firmando no Brasil como uma forma de tornar a pesquisa acadêmica e a reflexão sobre a história mais acessível e democrática. Santhiago (2016) enfatiza que, mesmo antes da adoção formal do termo, já existiam no país diversas iniciativas com foco no engajamento público. A história oral, por exemplo, já enfatizava a importância do retorno à comunidade e da contribuição social

como princípios fundamentais.

Portanto, é possível demarcar que, enquanto a história pública estadunidense surge em um contexto de crise do mercado de trabalho universitário, no Brasil, surge em um contexto de refletir sobre o papel social da história e do historiador, por meio de projetos articulados a tríade da educação superior brasileira: o ensino, a pesquisa e a extensão (Santhiago, 2018). Seria, então, a história pública uma solução? Santhiago (2018) reflete sobre esse questionamento:

[...] a história pública não necessariamente se apresenta como um destino, mas como uma solução, entre outras possíveis, que responde a um desejo de intervenção propositiva, crítica e qualificada, por parte de professores e estudantes, em decorrência de observações acerca das relações entretidas entre os públicos e seus passados. Nesse sentido, as práticas emergentes de história pública no Brasil desenham uma conciliação entre a tradição pragmática, aplicada e profissionalizante da public history estadunidense, orientada em função de resultados, e a reflexão teórica sobre o papel social da história e do historiador, inspirada como parte do conjunto de problemas da história do tempo presente. Essa composição peculiar torna o conceito de história pública analiticamente produtivo — dialogando com noções como as de usos do passado, cultura histórica, consciência histórica e passados práticos, mas resguardando suas especificidades — e confirma que ele ajuda a pensar (Santhiago, 2018, p. 295–296).

Desse modo, o diálogo com o público, a reflexão, o papel social da história inspiram as ações de história pública no Brasil e inspiram a uma pesquisa acadêmica cada vez mais conectada com as pessoas. Portanto, concordamos com Santhiago (2018) ao argumentar que a história pública é um dispositivo que tem a possibilidade de proporcionar reflexões na academia que tenham consequências práticas.

Percebemos, assim, uma gama de compreensões e conceitos sobre a história pública, utilizada e colocada em prática de diversas formas pelos historiadores públicos ao redor do mundo. As reflexões de Liddington (2011) enfatizam que, entre essa diversidade de formas de fazer, um ponto que converge em todas é o papel ativo e colaborativo do público. A referida autora destaca que a história pública é verbo, não substantivo, ou seja, é ação. A história pública não pode ser definida de uma única forma ou com apenas um conceito, é expansão e movimento.

Por que a história pública na construção de fontes e pesquisa em história da educação?

Em um contexto em que se faz importante pensar a história da educação sob diferentes prismas, a história pública pode ser uma discussão potente para lançar mão de novas formas de fazer, refletir e construir a história da educação. A tríade “ensino, pesquisa e extensão” na educação superior no Brasil determina legalmente a função social da universidade e nos intima a pesquisar pensando na sociedade.

Santhiago (2016) discute como as ações públicas já aconteciam no Brasil antes mesmo de se cunhar o termo “história pública”. O mesmo acontece no campo da história da educação. Embora a história pública não esteja consolidada nas reflexões da história da educação brasileira, o movimento de busca por uma aproximação entre o campo e o público já vem acontecendo.

Nessa perspectiva, traremos alguns exemplos que ilustram essa reflexão. Sendo o primeiro deles, o Grupo de Pesquisa História e Memória da Educação, o GRUPEHME que, embora não usem o termo “história pública”, vem trabalhando com a comunidade escolar por meio de projetos de extensão e iniciação científica, fortemente atrelado às atividades de pesquisa do grupo. O segundo exemplo é a criação do “Acervo Trajetórias Docentes” na Universidade Federal Fluminense, que contempla narrativas de professores de História no Brasil, disponível na página do Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI). Essa iniciativa permitiu o crescimento e o início de um coletivo de professores e professoras organizado em rede, intitulado “Rede Trajetórias Docentes”. E, por fim, o Laboratório de História e Memória da Educação (LAHMED) do Centro de Educação da UFRN, que visa desenvolver atividades integradas de pesquisa, ensino e extensão no campo da história e memória da educação no Brasil.

Preocupados com a preservação e valorização do patrimônio educativo, o GRUPHEME criou um Centro de Memória da Educação do Sul de Santa Catarina (CEMESSC), Rabelo, Costa e Martins (2021) enfatizam a importância que o retorno às escolas teve no projeto de pesquisa, no qual objetivaram apresentar o Centro de Memória às escolas, sensibilizando as equipes sobre a preservação do patrimônio

educativo. Elas enfatizam a importância da Iniciação Científica e a importância desse contato com a sociedade e comunidade escolar:

Ao finalizar o trabalho de devolutiva às escolas que possuem seus acervos digitalizados e preservados virtualmente no CEMESSC, os/as pesquisadores/as do GRUPEHME, envolvidos/as neste projeto, consideram que o trabalho foi desafiador e que, no campo da preservação do patrimônio educativo, em suas diferentes materialidades e imaterialidades há desconhecimentos, falta de investimentos público e desconsideração acerca do papel da memória e história no processo de fortalecimento das referências identitárias (Rabelo, Costa e Martins, 2021, p. 247).

As referidas autoras discutem também sobre a ausência de políticas públicas e de recursos financeiros para a manutenção de documentos antigos apropriadamente. O que demonstra a importância de uma pesquisa feita com o público para pensar questões importantes como a definição de políticas públicas.

O Acervo Trajetórias Docentes, na Universidade Federal Fluminense, que tem o objetivo de reunir narrativas autobiográficas de professores, sejam eles aposentados ou em exercício, a partir de entrevistas de história oral. Já apontam para a importância de entrevistas públicas a partir do conceito da experiência narrada em um espaço aberto ao público, com convidados e público (Andrade e Almeida, 2019, p. 16). A partir desse acervo, um coletivo de professores e professoras se organizaram em rede e criaram a “Rede Trajetórias Docentes”, que contemplam professores de diferentes universidades que vem trabalhando com narrativas docentes em diferentes temas (Pranto, Sulaiman e Almeida, 2024).

Por fim, o LAHMED, contém atas, planos de curso, relatórios, regimentos escolares, revistas e impressos pedagógicos, desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão em prol da história e memória da educação no Rio Grande do Norte. Tem um Repositório de História e Memória da Educação (RHISME), criado em 2017 para armazenar, preservar e disponibilizar documentos para pesquisas no campo da história da educação (Azevedo et al, 2020). Dentre outros trabalhos desenvolvidos, Azevedo et al (2020), destaca:

Uma vez que o repositório está paulatinamente sendo alimentado com a inserção de novos documentos, às comunidades e coleções existentes apontam para o objetivo de



seus idealizadores de disponibilizar aos pesquisadores os diversos documentos para o fomento do campo da História da Educação do Rio Grande do Norte. Entre os conjuntos documentos já disponibilizados, destacamos as Revistas impresso pedagógico que começou a ser publicado no estado na década de 1920 e que pode servir para a realização de pesquisas com diferentes enfoques sobre a organização do ensino, as concepções educacionais e a circulação de ideias (p. 15).

O esforço em armazenar documentos importantes para pensar a história da educação brasileira e no desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e extensão, demonstram a preocupação do LAHMED com o trabalho para o público. No sítio eletrônico do laboratório, aparece a preocupação com a formação de professores, a partir da realização de cursos e seminários, voltados à preservação da memória e do patrimônio histórico cultural da educação brasileira (LAHMED, 2024).

Estamos desenvolvendo uma pesquisa intitulada “Memórias e biografias de professoras da Cidade da Esperança: narrativas em educação e vínculos da existência (1966–1996)”, construída a partir da dimensão do público com entrevistas individuais e públicas, baseadas na história oral. Uma das dimensões da pesquisa que estamos desenvolvendo é como o entrelace da história pública com a história da educação, possibilita diferentes abordagens para a formação de professores inicial e continuada, bem como, com o contato com a comunidade escolar, fortalecendo a importância da tríade ensino, pesquisa e extensão.

Um dos pontos principais é a compreensão de que as narrativas de história oral, construídas no contexto acadêmico, com objetivos de pesquisa bem delimitados, não tenham seu foco apenas no conteúdo e, principalmente, não fiquem apenas guardados para uma pesquisa ou apenas na academia. De modo que concordamos com Portelli (2016) ao argumentar que aquele que trabalha com a história oral tem um compromisso social firmado com a comunidade e aqueles que narram suas histórias.

Assim, as entrevistas são construídas em coautoria com as narradoras (Frisch, 2016), na compreensão de que não é a pesquisadora que tem autoridade sobre as narrativas das professoras. Assumimos, também, o compromisso de ampliar o alcance dessas narrativas, por meio de ações de história pública, divulgando-as em diferentes canais, tendo como foco principal a formação docente e a comunidade em geral. Em perspectivas futuras, planejamos engajar o público docente e escolar de diferentes

formas, com projetos de extensão, podcasts e momentos de formação inicial e continuada.

Desse modo, compreendemos que a relação entre história oral e história pública nesse contexto potencializa ainda mais o caráter formativo das narrativas, de modo que é possível aprender sobre a pluralidade da docência e da educação a partir das narrativas. Ao trazer as reflexões da história pública para a pesquisa em educação, temos a possibilidade de ampliar a formação para diversos públicos, sendo eles: professores aposentados, em atuação ou em formação. É um movimento no qual as vozes dos professores são amplificadas e valorizadas ao narrar suas experiências, bem como podem ouvir o outro, escutar e refletir sobre a educação. As pesquisadoras e pesquisadores da história da educação, ao lançar mão da história pública, têm mais uma forma de analisar e desenvolver a pesquisa de uma forma horizontal e próxima da comunidade.

Conclusões

Dos três exemplos citados, apenas o Acervo Trajetórias Docentes se coloca como uma ação de história pública e vem, a partir da criação da Rede Trajetórias Docentes, realizando entrevistas públicas, possibilitando momentos de discussões teóricas sobre conceitos da história pública e docência. Portanto, não é o suficiente para afirmar que o entrelace da história da educação e a história pública já é uma realidade. No entanto, a preocupação que vem sendo demonstrada na criação de arquivos, para a academia e para formação de professores — como no LAHMED — e até mesmo para ações de extensão com a comunidade escolar — como a criação do centro de memória do GRUPEHME — apontam para a urgência de se pensar a história da educação em uma perspectiva pública. As três iniciativas estão em atividade e vêm sendo discutidas em artigos acadêmicos e até mesmo em redes sociais, utilizadas para a divulgação do trabalho científico que vem sendo realizado. O que demonstra como essa discussão da ampliação de audiências e da dimensão do público é atual e ainda tem muito a crescer. Além disso, demarcamos a importância de se refletir sobre as possibilidades de pensar e construir a história da educação com aqueles que a viveram, estudantes, diretores, professores da educação básica, ou seja, a comunidade escolar.

Bem como as entrevistas públicas que aparecem como uma forma de aproximar ainda mais a universidade, especificamente o campo da história da educação, com a realidade escolar no tempo presente, amplificando as vozes de professores em atuação ou aposentados. As perspectivas de utilizar a história oral, por meio de entrevistas públicas, para repensar a formação docente e, além disso, atuar na formação de professores da educação básica, demonstram como a história da educação é um campo que tem uma grande possibilidade de engajamento da comunidade escolar.

Portanto, no contexto acadêmico, enfatizo a necessidade de não apenas iniciar pesquisas que unam a história da educação e história pública, mas de criar e expandir redes entre universidades para ampliar ainda mais essa perspectiva. Dessa forma, é possível promover uma abordagem participativa e colaborativa da pesquisa na história da educação. Ao criar redes, aumentar o número de pesquisas colaborativas em instituições escolares, seja por meio de entrevistas públicas ou outras iniciativas que tenham a comunidade por base, a universidade se aproxima ainda mais da realidade das escolas e dos professores.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Everardo Paiva de; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de (Orgs.), **História oral e educação: experiência, tempo e narrativa**, São Paulo, SP: Letra e Voz, 2019.
- AZEVEDO, Laís Paula De Medeiros Campos *et al*, Os Repositórios Digitais e a pesquisa em História da Educação, **Pesquisa e Ensino**, v. 1, p. e202035, 2020.
- CAUVIN, Thomas, **Public history: a textbook of practice**, 2nd edition. New York, NY: Routledge, 2019.
- FERNANDES, Aleksandra Nogueira de Oliveira; FERNANDES, Stenio de Brito; PAIVA, Marlúcia Menezes de, A história da educação como campo de pesquisa no Brasil: uma historiografia da educação brasileira, **EccoS — Revista Científica**, n. 64, p. 1–17, 2023.
- FRISCH, Michael, A história pública não é uma via de mão única, ou, De A Shared Authority à cozinha digital e vice-versa., *in*: ALMEIDA, Juniele Rabêlo; SANTHIAGO, Ricardo; MAUAD, Ana Maria (Orgs.), **História pública no Brasil: sentidos e itinerários**, São Paulo: Letra e Voz, 2016.
- HAYASHI, Carlos Roberto Massao; FERREIRA JUNIOR, Amarílio. **O CAMPO DA**

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL: UM ESTUDO BASEADO NOS GRUPOS DE PESQUISA. Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior, Campinas; Sorocaba, SP, v. 15, n. 3, 2010. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/avaliacao/article/view/876>. Acesso em: 24 set. 2024.

LIDDINGTON, Jill. **O que é a história pública?** Os públicos e seus passados. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de. ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira, (organização). São Paulo: Letra e Voz, 2011.

LUCHESE, Terciane Ângela. In(ter)venções: a história da educação como campo disciplinar e de pesquisa. In: ALVES, Luís Alberto; PINTASSILGO, Joaquim (Coord.). **Investigar, intervir e preservar em História da Educação.** Porto, CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar ‘Cultura, espaço e memória’ / HISTEDUP - Associação de História da Educação de Portugal, 2017, p. 113-130.

PORTELLI, Alessandro, **História oral como arte da escuta**, São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PRANTO, Aliny Dayany Pereira de Medeiros; SULAIMAN, Samia Nascimento; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de. **Narrativas docentes para a formação inicial e continuada:** a história oral no estudo das trajetórias docentes. *Revista Crítica Histórica*, [S. l.], v. 14, n. 28, p. 45–61, 2023. DOI: 10.28998/rchv14n28.2023.0004. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/criticahistorica/article/view/16286>. Acesso em: 28 fev. 2024.

RABELO, Giani. COSTA, Marli de Oliveira. MARTINS, Cintia Gonçalves. Preservar as memórias da Educação: o CEMESSC vai às escolas. In: RIPE, Fernando (Org.), **História da Educação no Rio Grande do Sul: 25 anos de ASPHE, entre memórias, trajetórias e perspectivas - Vol.I**, Caxias do Sul, RS: Educs - Editora da Universidade de Caxias do Sul, 2021.

SANTHIAGO, Ricardo, Duas palavras, muitos significados: alguns comentários sobre a história pública no Brasil., in: ALMEIDA, Juniele Rabêlo; SANTHIAGO, Ricardo; MAUAD, Ana Maria (Orgs.), **História pública no Brasil: sentidos e itinerários**, São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SANTHIAGO, Ricardo, História pública e autorreflexividade: da prescrição ao processo, **Revista Tempo e Argumento**, v. 10, n. 23, p. 286–309, 2018.

THOMPSON, Paul, **A Voz Do Passado: Historia Oral**, Rio de Janeiro: Paz E Terra, 1992.